



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
– CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

**LIVRO ILUSTRADO INFANTIL - A SAUDADE QUE FICA: A PERSPECTIVA LÚDICA DO DESIGN
PARA O ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS ENLUTADAS**

LAURA SIQUEIRA LOPES

CABEDELO

2023

**LIVRO ILUSTRADO INFANTIL - A SAUDADE QUE FICA: A PERSPECTIVA LÚDICA DO DESIGN
PARA O ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS ENLUTADAS**

LAURA SIQUEIRA LOPES

Projeto apresentado ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus
Cabedelo, para a obtenção do título de tecnólogo no
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico.
Orientador(a): Me. Wilson Gomes de Medeiros

CABEDELO

2023

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

L864l Lopes, Laura Siqueira.

Livro ilustrado infantil - a saudade que fica: a perspectiva lúdica do design para o acolhimento de crianças enlutadas. /Laura Siqueira Lopes. - Cabedelo, 2023.

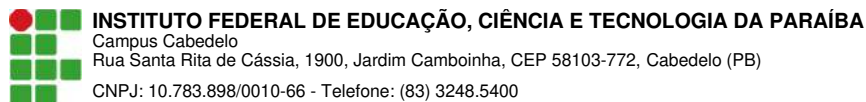
62 f. il.: color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador: Prof. Me. Wilson Gomes de Medeiros.

1. Luto infantil. 2. Livro ilustrado. 3. Infância. 4. Perda. I. Título.

CDU 393



Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Elaboração de Ficha Catalográfica

Assunto: Elaboração de Ficha Catalográfica
Assinado por: Katia Silva
Tipo do Documento: Ficha
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Katia Felix da Silva, BIBLIOTECÁRIO-DOCUMENTALISTA**, em 28/08/2023 13:05:21.

Este documento foi armazenado no SUAP em 28/08/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 924655
Código de Autenticação: f9f8fd93d3





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

LAURA SIQUEIRA LOPES

LIVRO ILUSTRADO INFANTIL - A SAUDADE QUE FICA: a perspectiva lúdica do design para o acolhimento de crianças enlutadas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Tecnólogo(a) em Design Gráfico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo.

Trabalho avaliado na sua forma final para conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do IFPB Campus Cabedelo e aprovado pela banca examinadora em 04 de julho de 2023.

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Me. Wilson Gomes de Medeiros

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Prof. Dr. Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Profa. Me. Helena de Azevedo Dieb

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Cabedelo/2023

Documento assinado eletronicamente por:

- **Wilson Gomes de Medeiros, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 05/08/2023 22:38:35.
- **Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 07/08/2023 09:37:56.
- **Helena de Azevedo Dieb, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 07/08/2023 11:46:25.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 30/07/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 454233
Verificador: de3a5a481b
Código de Autenticação:



LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Livro “Para onde vamos quando desaparecemos?”	12
Figura 02 - Livro “Para onde vamos quando desaparecemos?”	13
Figura 03 - Livros com ilustrações	14
Figura 04 - Livros Pop-up	15
Figura 05 - Livros-brinquedo/interativos	15
Figura 06 - Pinturas rupestres	16
Figura 07 - Livro Orbis Sensalium Pictus	17
Figura 08 - Livro Orbis Sensalium Pictus	17
Figura 09 - Roda de leitura com crianças	19
Figura 10 - Diagramação (texto separado da imagem)	21
Figura 11 - Diagramação (texto em conjunto com a imagem)	21
Figura 12 - Ilustrações com cores quentes e frias	23
Figura 13 - Ilustrações com cores quentes e frias	23
Figura 14 - Livro “O monstro das cores”	23
Figura 15 - Livro “O passeio”	25
Figura 16 - Metodologia dos chapéus	26
Figura 17 - Livros analisados	30
Figura 18 - Livro “O pato, a morte e a tulipa”	30
Figura 19 - Livro “O pato, a morte e a tulipa”	30
Figura 20 - Livro “O pato, a morte e a tulipa”	31
Figura 21 - Livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”	32
Figura 22 - Livro “O coração e a garrafa”	32
Figura 23 - Livro “O livro do adeus”	33
Figura 24 - Ideias	34
Figura 25 - Primeiro storyboard	37
Figura 26 - Primeiro storyboard	38
Figura 27 - Rascunhos iniciais	38
Figura 28 - Rascunhos iniciais	39
Figura 29 - Rascunhos iniciais	39
Figura 30 - Segundo storyboard	40

Figura 31 - Segundos rascunhos	40
Figura 32 - Personagens	41
Figura 33 - Ilustrações finais	43
Figura 34 - Ilustrações finais	43
Figura 35 - Ilustrações finais	44
Figura 36 - Ilustrações finais	44
Figura 37 - Ilustrações finais	45
Figura 38 - Ilustrações finais	45
Figura 39 - Ilustrações finais	45
Figura 40 - Ilustrações finais	46
Figura 41 - Ilustrações finais	46
Figura 42 - Ilustrações finais	46
Figura 43 - Ilustrações finais	47
Figura 44 - Ilustrações finais	47
Figura 45 - Ilustrações finais	47
Figura 46 - Páginas finais	48
Figura 47 - Páginas finais	49
Figura 48 - Páginas finais	49
Figura 49 - Páginas finais	50
Figura 50 - Páginas finais	50
Figura 51 - Páginas finais	51
Figura 52 - Páginas finais	51
Figura 53 - Páginas finais	52
Figura 54 - Páginas finais	52
Figura 55 - Páginas finais	53
Figura 56 - Páginas finais	53
Figura 57 - Páginas finais	54
Figura 58 - Páginas finais	54
Figura 59 - Páginas finais	55
Figura 60 - Aplicações	55
Figura 61 - Aplicações	56
Figura 62 - Aplicações	56

Figura 63 - Aplicações	57
Figura 64 - Aplicações	57
Figura 65 - Aplicações	58
Figura 66 - Aplicações	58
Figura 67 - Aplicações	59
Figura 68 - Aplicações	59

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
1. INTRODUÇÃO.....	5
1.2 Justificativa.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1 Luto.....	8
2.2 Luto infantil.....	9
3. LIVRO INFANTIL ILUSTRADO.....	13
3.1 A História do Livro Infantil Ilustrado.....	16
3.2 O livro Infantil Ilustrado e sua função.....	18
3.3 Elementos da Composição.....	20
3.3.1 Diagramação, tipografia e cor nos livros infantis.....	20
3.4 A narrativa visual.....	24
3.4.1 A narrativa visual na ilustração infantil.....	24
4. METODOLOGIA.....	26
Estágio 1.....	27
Estágio 2.....	27
Estágio 3.....	27
Estágio 4.....	28
Estágio 5.....	28
Estágio 6.....	28
Estágio 7.....	28
5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	29
Estágio 1.....	29
Estágio 2.....	29
Estágio 3.....	34
Estágio 4.....	35
Estágio 5.....	35
Estágio 6.....	36
5.1 Páginas.....	48
5.2. Aplicações.....	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

RESUMO

O luto infantil é um tema pouco lembrado quando pensamos no luto, seja por se pensar que as crianças não entendem o peso do acontecimento ou até mesmo pelo peso que os adultos carregam ao pensarem na morte e no impacto que ela causa.

Levando essa dificuldade das famílias de se adentrar no assunto, esse trabalho tem como objetivo a busca pelo entendimento da mentalidade infantil ao se passar pelo luto, ao experienciar a perda e encarar a morte e assim elaborar um livro ilustrado que venha a ajudar a criança e seus familiares a passarem por esse momento tão triste da vida, buscando evitar traumas futuros por não saber lidar com os sentimentos que o luto carrega.

Palavras-Chave: Luto infantil - criança - livros ilustrados - infância - perda.

ABSTRACT

Child grief is a topic that is little talked about and remembered when we think about grief, loss as a whole, either because the adults think that children do not understand the weight of the event or even because of the weight that adults carry when they think about death and the impact that it causes.

Taking this difficulty of families into the subject, this work has as objective the search for the understanding of the infantile mentality when going through the mourning, when experiencing the loss and facing the death and thus to elaborate an illustrated book that will come to help the child and their family members to go through this very sad moment in life, seeking to avoid future traumas due to not knowing how to deal with the feelings that mourning brings.

Keywords: Child grief - child - illustrated books - childhood - loss.

1. INTRODUÇÃO

Passar por períodos de luto é sempre um desafio e carrega momentos de muito peso e trauma para grande parte das pessoas e isso acontece pelo fato de enxergarmos a perda como algo que não devemos falar ou pensar que virá a acontecer. É de conhecimento geral que nossa vida e a vida de quem amamos é finita, mas a ideia desse fim nos assusta e estamos sempre fugindo dessa realidade, pois a perda, o luto e a morte são tabus e nunca nos encontramos prontos para encarar esse acontecimento.

Esse despreparo para enfrentar a perda veio socialmente com a mudança cultural que a sociedade foi passando ao decorrer dos séculos. Segundo José Carlos Rodrigues em seu livro *Tabu da Morte* (2006) da antiguidade até a idade média existia uma familiaridade maior com a morte, um contato maior entre os vivos e os mortos; a mesma coisa diz DINIZ (2001), segundo o mesmo uma boa morte era uma morte no seio de seu lar, cercado de seus familiares. A partir do século XIX a relação com o luto passou a ser diferente, a morte foi reservada para ocorrer no hospital, delimitando uma separação entre a vida e a morte, entre os vivos e os mortos (Rodrigues JC, 2006).

Além de toda a mudança de como a morte é encarada e vivida, outra mudança que os dias atuais carregam é a expectativa de vida. Em 80 anos a expectativa de vida passou por um aumento de 31,1 anos. E segundo um estudo feito pela Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados), por outro lado, as mulheres estão se tornando mães mais tarde. O levantamento aponta que dos anos 2000 até 2019 houve um aumento no número de mulheres que tiveram filhos depois dos 30 anos de idade, passando de 26% para 39,1% no estado de São Paulo. As crianças estão sendo criadas por pais mais velhos e avós também. Por esse motivo, muitas crianças estão se tornando órfãs dos avós, tendo de lidar com luto muito cedo na vida.

Segundo a psicóloga clínica Dana Castro (2000) as crianças possuem reações à morte diferentes dos adultos e há quem acredite que a reação do adulto sobre a morte pode tornar-se um problema para a criança, moldando a sua percepção sobre o ocorrido. Por isso é importante se manter em contato com a criança, mostrando que seus sentimentos são normais e esperados para o momento.

O modo de se abordar o luto pode ser por meio do uso da linguagem lúdica que a criança tem durante o seu desenvolvimento, principalmente por meio de histórias em livros infantis. É por meio deles que as crianças têm contato com situações da vida, do dia a dia, começam a entender o mundo ao seu redor e também aprendem a lidar com seus sentimentos, como a raiva, o medo, a rejeição, alegria. O tema do luto infantil pode ser também abordado por meio desses livros.

Segundo o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) (1998) o momento de contar histórias para as crianças é importante para o seu crescimento e desenvolvimento, criando uma familiaridade com os livros e aguçando a sua imaginação. Iniciando assim uma forma da criança passar a entender o mundo ao seu redor.

“A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu.” (BRASIL, 1998, p.143). O contato com a leitura abre o universo imaginário da criança e por meio dela é iniciado o contato com o novo, novos assuntos, novas situações, novos sentimentos.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo elaborar um livro ilustrado sobre a temática de luto infantil, envolvendo aspectos da narrativa visual para crianças na faixa etária de 4 à 8 anos e para isso aborda os momentos passados pela criança durante o luto; e com a ajuda da narrativa visual da ilustração traça um caminho a ser seguido para solucionar o problema na abordagem do tema para as crianças. De que forma a narrativa visual pode se comunicar com a criança, qual o papel de livros infantis ilustrados no auxílio da interação entre adultos e crianças? Qual a melhor linguagem para apresentar conceitos delicados para crianças?

Para isso, o referencial teórico desta pesquisa é composto pelos tópicos LUTO e LIVRO INFANTIL ILUSTRADO. No tópico sobre LUTO é apresentado o conceito de luto na psicologia e seus impactos na vida, suas fases, assim como o luto infantil; já no tópico LIVRO INFANTIL ILUSTRADO é estudada sua história e função e como a diagramação, cor, tipografia e a narrativa visual são trabalhadas nos livros infantis.

1.2 Justificativa

Um estudo publicado pela revista científica *The Lancet* (2021) mostra que pelo menos 1,5 milhão de crianças no mundo perderam algum familiar responsável por sua criação em decorrência da Covid-19. O número encontrado veio de um levantamento de dados coletados de 21 países, considerando estatísticas de mortalidade e fertilidade. No Brasil estima-se que esse número esteja por volta dos 130.363, mais de 130 mil crianças brasileiras que agora vivem com o peso da perda no nosso país. Lucie Cluver e Susan Hillis são uns dos pesquisadores do estudo e alertam que os efeitos causados na saúde a curto e a longo prazo, em detrimento do luto, correm o risco de serem muito profundos, afetando a segurança e o bem-estar da criança, o aumento ao risco de doenças, problemas de saúde mental, abuso físico, violência sexual e gravidez na adolescência (TATSCH, 2021).

A elaboração de um livro com a temática sobre o luto infantil se faz necessária nesse momento para uma sociedade que tanto sofreu com um luto coletivo e inesperado. A normalidade que foi construída, dialoga com as perdas que se deram.

Em tempos normais a morte já é uma constante em nossas vidas e uma certeza, porém o período pandêmico desencadeou uma desestruturação muito grande em nossas relações. Nosso convívio diário e interação com nossos familiares e amigos foram drasticamente alteradas, isso por si só já se configura como um problema social que devemos nos atentar, mas, em junção a este problema, temos um luto coletivo e extenso que afeta nossas crianças e pode tomar maus caminhos caso não tenha a assistência devida para o momento.

Por essa razão, se torna fundamental que o tema seja abordado com as crianças, de modo a evitar que elas venham a desenvolver problemas psicológicos e aprendam a lidar melhor com o luto, e uma das formas de se falar sobre o assunto é justamente por meio de uma linguagem que é comum na infância, as imagens e desenhos, que fazem parte dos livros ilustrados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Luto

O luto é uma experiência universal, todos já passaram ou vão passar pela perda de alguém amado durante a vida; a experiência do luto é um processo normal e esperado e pode ser um pequeno ou um grande luto. Durante a vida o ser humano é cercado por perdas, mudanças e recomeços. Essas mudanças e experiências causam uma certa desordem, mas toda desordem é possível de ser ordenada e é dessa forma que o luto funciona, ele carrega consigo a vida e a esperança de recomeços (FRANCO, 2007).

Para Freud (1917) esse processo é lento e doloroso, trazendo junto dele muitos sentimentos e sensações, muitos pensamentos e mudanças comportamentais, como uma tristeza profunda, uma certa apatia e distanciamento de atividades que não se relacionam com o objeto perdido, a incapacidade de substituição do objeto perdido para um novo objeto amoroso e a falta de interesse no mundo externo. A perda de um objeto de amor deixa um vazio e, momentaneamente, a sensação de que nada faz sentido sem ele, a desesperança, são normais e esperadas, mas existe vida no luto, transformação e recomeço. Por ser um processo, o luto carrega fases das quais o indivíduo enlutado precisa passar para concluir a elaboração do momento.

Essas fases, segundo Bowlby (1970 - 1997), se dividem em quatro momentos que variam do tempo de duração de acordo com cada pessoa; na **primeira fase** Bowlby diz que o que se experiencia é o aturdimento, o torpor, uma sensação de confusão que pode também vir acompanhada de desespero ou raiva; a **segunda fase** é de saudade e busca da figura perdida, essa fase se caracteriza com a negação da morte, podendo mais uma vez ter a raiva presente ao se deparar com a realidade da perda definitiva; a **terceira fase** é de desorganização e desespero, com tristeza profunda, frequente choro e raiva, essa fase pode ser a mais profunda do luto, podendo ocorrer sentimentos mais depressivos, com a sensação de que nada mais tem valor; a **quarta e última fase** é o momento de organização, a aceitação da perda e constatação de que uma nova vida precisa ser iniciada, essa fase é a fase de cura do período enlutado, onde o indivíduo pode demorar para alcançar, mas precisa, em algum momento, chegar até ele. Porém o processo de luto nunca está totalmente concluído, a saudade fica e pode se apresentar em qualquer fase.

2.2 Luto infantil

No que diz respeito ao luto infantil, ele carrega consigo pelo menos dois problemas: a dificuldade do adulto em lidar com o seu luto e a dificuldade da criança em entender o que está acontecendo. Por essa razão, é importante que o adulto dê a devida atenção para o processo de luto da criança. Manter a comunicação com a criança nesse momento, é o melhor caminho para que ela consiga também entender o que está acontecendo e sentindo. Ao experienciar o luto, a criança passa por uma ruptura do que acreditava do mundo ao seu redor, o mundo deixa de ser o que ela conhece, onde todos a sua volta podem se afastar, mas voltam a orbitá-la.

A criança em seu desenvolvimento tem o entendimento que tudo e todos a sua volta permanecerão inalterados e a morte de um parente próximo, principalmente dos pais, é uma ruptura nesse universo, pois

[...] com os pais, morre também a ilusão narcísica da onipotência infantil em um momento em que ela é necessária como fonte de segurança.

[...] com a morte de um genitor, a criança perde o mundo que conhecia. Aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava. Agora seu mundo está enlutado: torna-se difícil lidar com toda a gama de sentimentos que parecem invadi-la com o desmoronamento da família

(FRANCO & MAZORRA, 2007, p. 504)

O mundo infantil, antes de ser balançado pelo luto, se apresenta sempre como um mundo seguro, onde a criança possui uma onipotência e tudo está ali por ela e para ela, esse abalo vem com sentimentos confusos e difíceis de serem processados sozinhos e por este motivo o diálogo com a criança se mostra uma ferramenta necessária para o seu desenvolvimento e elaboração do processo de luto.

Ao conversar com uma criança sobre a morte, é necessário ter o entendimento da sua capacidade compreensiva sobre o assunto, pois, dependendo da sua fase de desenvolvimento, a criança pode não entender a definição da morte da mesma forma que um adulto (Torres, 1996). Compreender a forma com que cada criança vê a morte é o primeiro passo para poder abordar o assunto de forma correta e acolhê-la. De acordo com Castro (2000) a visão da morte pela criança varia de acordo com sua idade e fase de desenvolvimento: aos 3 anos de idade a criança não tem um conceito de morte

pré-estabelecido em sua cabeça; dos 3 aos 5 anos a morte já começa a fazer parte do seu vocabulário, mas não a imagina como um acontecimento permanente; dos 5 aos 10 anos ela começa a ter uma ideia da morte como um fenômeno irreversível, universal e inevitável; dos 10 aos 12 anos a morte começa a carregar um tom mais pessoal para a criança; no período da pré-adolescência a morte é entendida como um fenômeno horrível, mas fascinante, intrigante e curioso. Na adolescência há uma compreensão do processo da morte, das suas causas e consequências.

Levando em conta o entendimento de cada idade da criança sobre a morte, cabe ao adulto responsável explicar a ela e fazê-la entender sobre o luto, adequando a sua linguagem de acordo com nível de compreensão da mesma.

A criança precisa que falem com ela sobre o ocorrido, caso contrário se sentirá desamparada. Kovacs (1992, p. 49) diz que “ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar”. Se durante seu luto a criança não é posta em conversas sobre a perda e sobre quem se foi, ela cresce achando que não se deve falar sobre a morte, sobre seus sentimentos e acaba por reprimir tudo o que sente e pensa no momento.

A conversa franca e aberta com a criança, molda a sua percepção e aceitação do momento e de seus sentimentos. Não falar sobre a pessoa amada que partiu, não compartilhar histórias e a própria saudade sentida no momento, colaboram com o não aprendizado de compartilhar emoções, a criança precisa saber que pode falar sobre o que sente e que as pessoas a sua volta estão sentindo o mesmo. De acordo com Elizabeth Kübler-Ross (1991, apud MACEDO, 2004):

A perda de um dos pais é muitas vezes o início de dificuldades experimentadas mais tarde na vida.

A incapacidade de falar, compartilhar e contar sobre o pai amado e com saudades, dá o tom para a futura incapacidade de compartilhar emoções e aprender – em tenra idade – a lidar com a perda e o luto de maneira saudável. Se o pai sobrevivente soubesse como teria sido útil para a criança mostrar tristeza, compartilhar lágrimas juntos, a miséria posterior e os padrões negativos poderiam ser evitados.

Elizabeth Kübler-Ross mostra em seus estudos a necessidade de manter diálogo franco com a criança sobre a morte e a falta que essa perda deixa em nossas vidas, a autora

corroborar com o pensamento de Dana Castro (2000) de que a reação do adulto sobre a morte pode tornar-se um problema para a criança, moldando a sua percepção sobre o ocorrido, o que a criança vivencia em sua infância sobre o luto, é o que ela carregará posteriormente em seu crescimento e passará adiante. Segundo a psicóloga:

As crianças que foram expostas a esse tipo de experiência – em um ambiente seguro e amoroso – criarão outra geração de crianças que, muito provavelmente, nunca compreenderão que temos que escrever livros sobre morte e morrer; [...] eles não vão entender por que havia esse medo avassalador da morte.

(Kübler-Ross, 1978 apud MACEDO, 2004)

O processo de luto é um processo duro e delicado, para adultos e crianças, e ambos necessitam da abertura para falar sobre o ente perdido, compartilhar sentimentos e memórias, esse exercício é uma ajuda para o entendimento e a aceitação da realidade. E a criança precisa de um ambiente que a ajude a ter essa aceitação, sobre isso Kübler-Ross mostra que

Toda criança precisa ter alguém com quem possa conversar sobre a pessoa que perdeu. Se os parentes podem percorrer as páginas de um livro de fotografia e compartilhar memórias de lugares, férias, incidentes e rir e chorar juntos, muito pode ser feito para ajudar a criança a passar pelo processo de luto sem cicatrizes.

(Kübler-Ross, 1991 apud MACEDO, 2004)

Como visto nas fases do luto descritas por Bowlby (1970 - 1997), as crianças também enfrentam fases a serem passadas e superadas e precisam de amparo, acolhimento e diálogo para que possam passar por essas fases da forma menos traumática possível para o seu desenvolvimento.

O luto infantil pode ser elaborado já levando em consideração as pequenas perdas pelas quais a criança passa durante seu crescimento, o mundo infantil passa por pequenas perdas o tempo todo, por mudanças. Paiva (2011, p 17) diz:

Ao longo da infância, a criança, muitas vezes, se depara não só com a morte de seu bichinho de estimação ou de uma pessoa importante, mas também com a separação dos pais (morte de uma família constituída), a dor da diferença (sofrimento decorrente do fato de

ser diferente) ou a impossibilidade de conseguir algo. Tais frustrações, dores, perdas e mortes provocam sofrimento e dores psíquicas e, algumas vezes, levam a mudanças e reformulações na vida da criança.

Portanto, aprender a lidar com essas perdas e frustrações, contribui para que a criança saiba lidar com perdas maiores e adquira o entendimento do processo da vida, a ida e a vinda das coisas, o começo e o fim de tudo (PAIVA, 2011).

O luto pode chegar na vida de uma pessoa em qualquer fase da vida, inclusive na infância e os livros são ferramentas de grande ajuda na inserção do assunto nas vidas dos pequenos, podendo ser uma ajuda para que a criança saiba do assunto sem estar vivendo a dor no momento, aprendendo o conceito da morte, da perda de forma leve, por meio das histórias, além disso os livros também podem chegar no momento da perda e mostrar que os sentimentos que ela sente são reais e compreendidos.

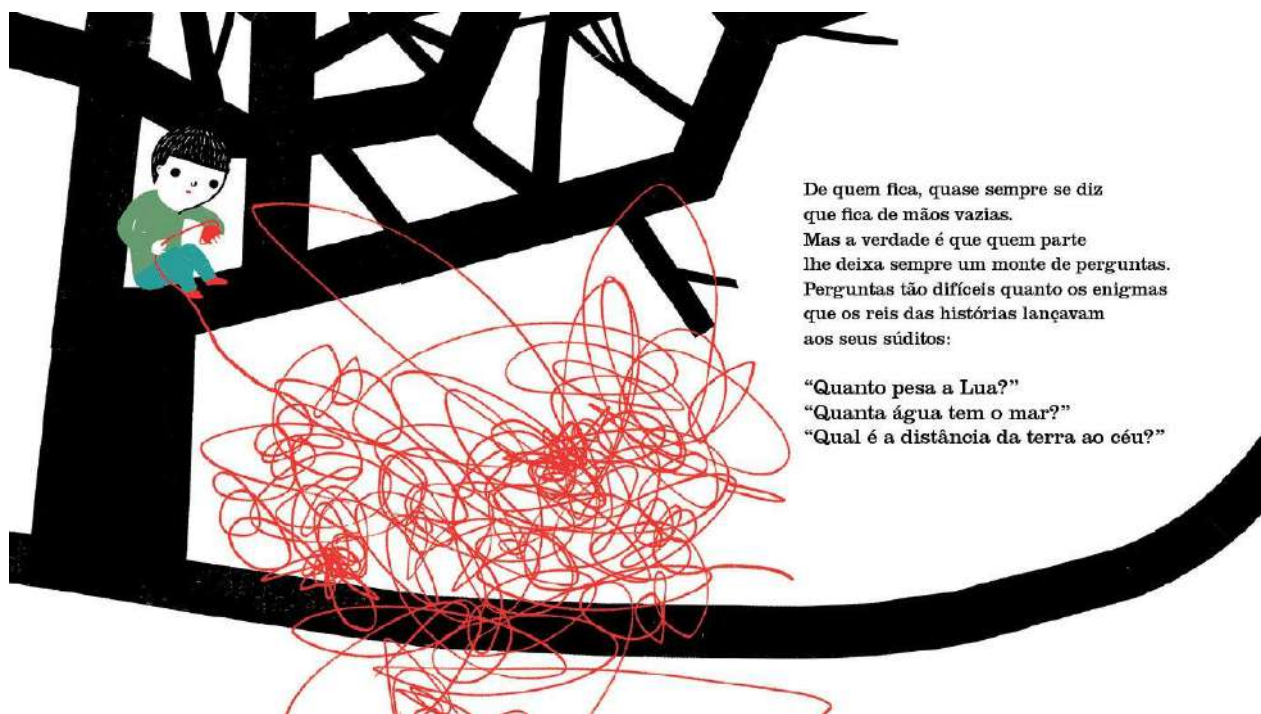
O livro infantil “Para onde vamos quando desaparecemos?” de Madalena Matoso (2014) mostra de forma bem descontraída para as crianças que as coisas vão embora mesmo e esse é o caminho normal que seguimos, estamos rodeados de coisas que somem. Esse diálogo é um início para o que a conversa sobre a morte e a perda. O livro ainda mostra que depois que perdemos algo, ficamos cheios de perguntas, o lugar que antes era de alguém, de um objeto, agora se ocupa de questões sobre a sua perda, como mostrado nos exemplos a seguir:

Figura 01 - Livro “Para onde vamos quando desaparecemos?”



Fonte: Para onde vamos quando desaparecemos? (2014)

Figura 02 - Livro “Para onde vamos quando desaparecemos?”



Fonte: Para onde vamos quando desaparecemos? (2014)

A criança está sempre se questionando acerca de sua vida e do mundo a sua volta; a criança está sempre perdendo algo e, por muitas vezes, não sabendo lidar com essa perda. A abordagem dessas questões com ela, de forma simples, corriqueira e baseada no seu dia-a-dia por meio de livros e histórias, serve para abrir caminhos para conversas mais difíceis que podem surgir ao decorrer de seu crescimento e os livros ilustrados se mostram como uma grande ajuda para essas conversas.

3. LIVRO INFANTIL ILUSTRADO

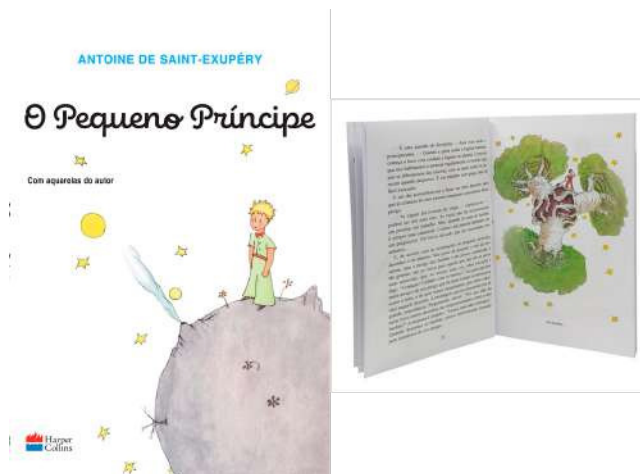
Uma característica do livro ilustrado é que imagem e texto se complementam na construção de sentido. Para Linden (2011, p. 24) os livros ilustrados são “obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto que, aliás, pode estar ausente [...]. A narrativa se faz articulada entre texto e imagem”.

É preciso diferenciar o livro infantil, tendo em vista que nem todo livro voltado para crianças, que possua imagem e texto está dentro dessa categoria. Segundo a autora ainda existem os **livros com ilustração**, nos quais predomina o texto; os **livros pop-up**, que

possuem mecanismos que podem gerar figuras tridimensionais, saltando para fora do livro; os **livros brinquedo**, também com elementos tridimensionais e incorporados com pelúcias ou outros tipos de brinquedos; os **livros interativos**, que podem vir com partes de montar, entre outros tipos de livros.

Os livros com ilustrações são os comumente mais conhecidos, como dito o texto, tem maior predominância, mas as ilustrações são peças fundamentais para o seu desenvolvimento e a sua leitura. O livro O Pequeno Príncipe é um exemplo conhecido de livro infantil ilustrado. Suas ilustrações recheiam a história e fazem com que o contato da criança com o livro seja mais livre, pois, com os desenhos, ela passa a entender, de forma mais clara, a história que está lhe sendo contada.

Figura 03 - Livro com ilustrações



Fonte: Compilação do autor¹

¹Montagem a partir de imagens coletadas no site da Amazon

<https://www.amazon.com.br/Pequeno-Pr%C3%ADncipe-Original-Tradu%C3%A7%C3%A3o-aquarelas/dp/8595081514>

Os livros pop-up são livros mais interativos, feitos para o encantamento na manipulação de suas páginas. O livro Alice no País das Maravilhas em forma de Pop-up faz muito bem o uso da técnica, tendo as ilustrações ganhando vida e seguindo o que o texto está narrando, como cartas voando ou a Alice ficando grande demais para a casinha e também para o próprio livro.

Figura 04 - Livros Pop-up

Fonte: Site Agência Aiô

Disponível em: <https://blog.agenciaio.com.br/voce-sabe-o-que-e-um-livro-pop-up/>

Os livros interativos e os livros-brinquedos são livros com peças a mais, seja um fantoche, um quebra-cabeça, um boneco a ser montado, ele vem com algo de apoio que esteja dentro da história.

Figura 05 - Livros-brinquedos/interativos

Fonte: Compilação do autor²

²Montagem a partir de imagens coletadas no site da Amazon

3.1 A História do Livro Infantil Ilustrado

Salisbury e Styles no primeiro capítulo do seu livro “Livro Infantil Ilustrado: A arte da narrativa visual” (2013) falam brevemente sobre a história do livro ilustrado e nele mostram que o momento precursor de contar histórias, por meio de imagens, é a pré-história e tudo isso se encontra registrado nas pinturas nas paredes das cavernas. Foram nas paredes que os primeiros registros de informações, histórias, foram deixados. Estudiosos e pesquisadores divergem quanto ao propósito dessas pinturas, mas essas imagens podem ter sido o maior meio de comunicação daquela época (Salisbury e Styles, 2013, p. 10). Ainda no mesmo capítulo do livro, os autores falam que possivelmente o livro ilustrado mais antigo ainda existente é um papiro egípcio de cerca de 1890 a.C. mostrando como a ilustração, a imagem, é antiga e necessária para a comunicação em todas as civilizações e épocas.

Figura 06 - Pinturas Rupestres



Fonte: Site rfi

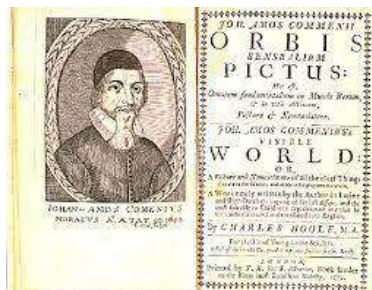
Disponível em:

<https://www.rfi.fr/br/ciencias/20100916-especialistas-questionam-datacao-de-pinturas-rupestres-no-piaui>

Partindo para a história da impressão dos livros e seu acesso como o conhecemos hoje em dia, o surgimento do livro ilustrado veio com a criação da prensa de Gutenberg, que foi uma grande invenção para o desenvolvimento da escrita e impressão da época. Salisbury e Styles (2013) ainda apontam que em 1430 Ulrich Boner, com o livro *Der Edelstein* (1461), é muito citado como sendo o primeiro livro com tipografia e imagens impressas juntas e que o seu livro *Orbis Sensualium Pictus* (*O Mundo Visível*, 1658) de Cornélius pode ser considerado o primeiro livro ilustrado, pelo fato de ter sido feito especialmente para crianças. Depois disso vieram livros de contos com produções entre os séculos XVI e XIX, feitas em baixo custo, ilustrados com a técnica de xilografia mais grosseiras e eram comercializados para

um público mais humilde, com nível cultural e financeiro mais limitado. A utilização das imagens vinha com um valor estético, decorativo (Salisbury e Styles, 2013, p. 12 e 13).

Figura 07 - Livro Orbis Sensalium Pictus (O mundo visível, 1658)



Fonte: site Heritage Auctions

Disponível em:

<https://historical.ha.com/itm/books/children-s-books/john-amos-comenius-joh-amos-commenii-orbis-sensu-alium-pictus-hoc-est-omnium-fundamentalium-in-mundo-rerum-and-in-vita/a/6234-45005.s>

Figura 08 - Livro Orbis Sensalium Pictus (O mundo visível, 1658)



Fonte: site Heritage Auctions

Disponível em:

<https://historical.ha.com/itm/books/children-s-books/john-amos-comenius-joh-amos-commenii-orbis-sensu-alium-pictus-hoc-est-omnium-fundamentalium-in-mundo-rerum-and-in-vita/a/6234-45005.s>

De acordo com Rui de Oliveira (2008) os livros ilustrados já eram publicados antes mesmo da Revolução Industrial, mas foi nesse período que esse tipo de livro começou a evoluir e se popularizar. Segundo o autor, há 3 motivos para que esse fosse o grande momento dos livros ilustrados, são eles:

1 - o aspecto industrial, o livro como o conhecemos hoje, do ponto de vista gráfico e conceitual se popularizou na período vitoriano;

2 - no século XIX a ilustração de livros infantis começa a estabelecer códigos e convenções em sua linguagem visual, além de essa época definir o conteúdo dos livros seguir o conservadorismo da época, ele também teve início ao aspecto educacional do livro, tendo a criança sendo vista como um ser individual e únicos, com suas particularidades e necessidades, não mais como um pequeno adulto;

3 - e o terceiro motivo foi o surgimento de uma nova classe de trabalhadores assalariados, uma classe média, que passou a exigir uma maior oferta de conteúdos para seus filhos; revistas, jornais, livros que fossem publicados destinados ao público infantil.

O autor reforça saber que a produção de livros infantis já ocorria em outros lugares, mas a Revolução Industrial foi um grande momento de virada e crescimento da produção do livro infantil e desde então colhemos os frutos desse momento.

3.2 O livro Infantil Ilustrado e sua função

A ilustração, o desenho, é uma porta aberta para a comunicação, para a expressão de ideias, pensamentos e sentimentos. Na origem de seu significado, a ilustração vem da palavra luz, de acordo com ARBACH (2011, p. 46) para a revista Além da Palavra:

Na busca do sentido semântico do termo ilustrar encontraremos nas enciclopédias definições correlatas a: lustrar, iluminar, clarear, elucidar, esclarecer, conhecer, comentar, instruir e outros termos afins. Portanto, o ato de ilustrar pressupõe lançar luz sobre o conteúdo de um texto esclarecendo seu conhecimento.

A expressão por meio do desenho no mundo infantil vem inicialmente como algo natural, a criança começa a desenhar antes mesmo de escrever, o desenho para ela é uma grande forma de comunicação e expressão. “Todas as crianças começam por desenhar espontaneamente. Desenham-se a si e ao mundo que conhecem.” (RIDEAU, 1977, p.147) e por meio dos desenhos podemos apresentá-las a mundos que elas não conhecem, expandir seu conhecimento e entendimento de mundo, por meio de uma ferramenta familiar.

Brad Holland, ilustrador, diz para a Revista Ilustrar que se uma imagem é convincente, ela vai ser mostrada para uma criança e que não devemos temer seu entendimento, a criança precisa ser estimulada a perguntar o significado das coisas.

Se uma imagem é convincente ela será transmitida adiante às crianças. A compreensão seguirá por dias, semanas, anos. É bom fazer com que as crianças se perguntem sobre o significado das coisas. O mundo está cheio de coisas que elas nunca vão entender, então elas devem se acostumar a isso. (Brad Holland, 2010)

Por outro lado o SHAUN TAN (2010) observa que ao longo de seus anos de trabalho, notou que a função de um ilustrador é a de provocar ideias, mas não revelá-las, deixar ao encargo de cada leitor a interpretação do que vê. O que nos leva para a ilustração como uma ferramenta que trabalha o imaginativo infantil, a ilustração que faça a criança pensar, interpretar e entender o mundo a sua volta, que tenha contato com conceitos que estavam longe de sua vida, mas que por meio da ilustração ela passa a conhecer.

Figura 09 - Roda de leitura com crianças



Fonte: Getty image

A literatura infantil é um grande estímulo pedagógico, como apontam Salisbury e Morag (2013), o caráter pedagógico do livro ilustrado pode não ser a sua função principal, porém é inegável a sua contribuição na alfabetização das crianças. Góes (1991, apud ABREU, 2005 p. 22) diz “[...] a função primeira do livro infantil é a estético-formativa, a educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens” o livro infantil traz o encantamento do desenho e o aprendizado de novos conceitos, de sentimentos e mundos diferentes.

Pimentel, Bernardes e Santana (2007) dizem que através da literatura a criança desenvolve a sua criatividade, personalidade, intelectualidade e afetividade e por meio das repetições das histórias ela começa a organizar sua vida e resolver seus próprios conflitos; a

criança começa a atrelar acontecimentos diários com o que lê, interpreta situações com os conhecimentos que adquiriu dos livros.

Mostrando a importância dos livros para o imaginário infantil e para sua criação de resoluções de problemas, Araújo (1979) fala que a criança entende a não existência de bruxas e fadas, mas com essas histórias faz associações em meio às pessoas de sua vida, uma professora que ela não gosta apresenta as características de uma bruxa e uma tia legal é como uma fada.

Os livros infantis são de grande ajuda para criação de noção de sentimentos nas crianças e podem levar até elas assuntos delicados de forma mais leve, para que ela seja apresentada a esses conceitos e comece a entender mais do mundo a sua volta.

3.3 Elementos da Composição

3.3.1 Diagramação, tipografia e cor nos livros infantis

A diagramação dos livros infantis precisa, acima de tudo, levar sempre em conta a legibilidade e não somente a questão estética. A legibilidade é um fator extremamente importante quando se considera que o público alvo dos livros ainda está se familiarizando com as palavras, com a leitura (Lourenço, 2011).

O relacionamento da criança com a leitura é por etapas, é feita de letra por letra, diferentemente da relação do público adulto, que já possui a capacidade de ver a palavra como um todo, portanto a diagramação dos livros infantis tem como base a importância do estabelecimento correto do que é chamado de entreletra e entrelinha, sendo a entreletra o espaçamento entre as letras, já a entrelinha é o espaçamento entre as linhas do texto. Esse espaçamento não pode ser muito curto pois pode assim acabar por confundir a criança no momento da leitura (Lourenço, 2011).

Portanto, ao se basear no relacionamento das crianças de letra por letra durante a leitura, a decisão de como cada palavra vai se encaixar e adequar no livro é muito importante. A distribuição do teste deve ser feita pensando em como a criança vai olhar para o livro, como ela vai se relacionar e se conectar com o que está escrito e ilustrado em cada página.

Essa distribuição pode ser no formato texto de um lado e ilustração de outro, sem que haja uma interação entre os dois, cada um tendo a sua página.

Figura 10 - Diagramação (texto separado da imagem)



Fonte: site Projeto Momotaro

Disponível em:

<https://projetomomotaro.wordpress.com/2013/10/13/diagramacao-de-livro-infantil-ilustrado/>

Mas também existe a forma de aplicar o texto junto da imagem e ainda fazer com que eles tenham uma conversa maior na página. O tamanho, o formato das palavras podem também fazer parte da ilustração.

Figura 11 - Diagramação (texto em conjunto com a imagem)



Fonte: site Projeto Momotaro

Disponível em:

<https://projetomomotaro.wordpress.com/2013/10/13/diagramacao-de-livro-infantil-ilustrado/>

Na elaboração de um livro infantil, é possível fazer com que a página inteira se comunique com a criança. Cada detalhe vale e tem sua função.

Um detalhe que vale muito e tem uma função enorme dentro do livro, é a escolha da tipografia. Não existe um consenso sobre qual uso de tipografia é melhor para as crianças, a

tipografia com serifa ou a tipografia sem serifa, porém Coghill (1980), uma professora de escola primária, desenvolveu um estudo e nele questiona o uso de tipografias sem serifas e diz que o uso das serifas é de maior ajuda na diferenciação que as crianças precisam em sua fase de alfabetização (Coghill, apud RUMJANEK, 2008).

Como visto no capítulo anterior sobre a diagramação no livro infantil, o essencial nesse trabalho é garantir a legibilidade da obra e é esse enfoque que a escolha da tipografia exige. A legibilidade, a diferenciação das letras e a compreensão da ótica infantil sobre as palavras e a leitura.

Já sobre a cor, Cristina Biazetto diz que “A cor é o elemento visual com o maior grau de sensualidade e emoção do processo visual. Nenhum outro atrai com tanta intensidade quanto a cor” (Cristina Biazetto, 2008 p. 77), o que faz da cor um instrumento poderoso na elaboração de um livro, a cor fala, a cor se comunica de forma muito efetiva com o leitor do livro ilustrado, a cor consegue imprimir a emoção desejada e passar a mensagem para o espectador, a cor é uma ferramenta muito forte e presente na comunicação.

Fatores culturais, sociais e ambientais mudam as preferências e as sensações de cada cor, por isso a colocação de cada cor na ilustração deve ser feita com base nas palavras, o texto tem o poder de ditar as sensações a serem passadas e quais cores são adequadas para a exemplificação visual deles (BIAZETTO, 2008).

Segundo a autora, é importante considerar os aspectos que as cores possuem quando estão dentro do contexto da ilustração, pois sua percepção pode mudar. Um vermelho visto de forma isolada passa uma sensação e interpretação diferente de quando a mesma é usada dentro de um contexto de uma ilustração. Um mesmo vermelho pode ter significados diferentes dependendo do conteúdo da imagem em que ele está inserido.

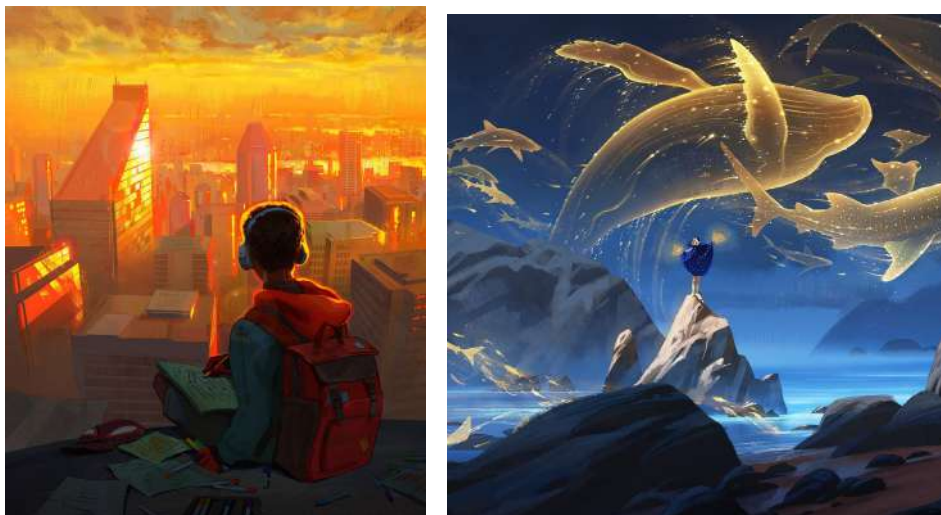
Os sistemas cromáticos podem ser muito utilizados para a expressão de sentimentos e sensações por meio de imagens, fazendo assim com que a cor seja uma ferramenta fundamental para a construção da narrativa visual.

As cores podem também contribuir para construção da ambientação/narrativa, como por exemplo, o uso das cores quentes para ambientar um dia ensolarado ou cores frias para caracterizar um dia frio.

Na ilustração da artista Loish, o uso das cores quentes mostram o entardecer e também passam uma sensação de aconchego, é possível sentir o calor que está se

dissipando, mas ainda se mostra presente. Ao lado já é mostrado um ambiente mais gelado, dando a impressão de ser um local mais quieto e parado.

Figuras 12 e 13 - Ilustrações com cores quentes e frias



Fonte: Rede social da ilustradora Loish

Disponível em: <https://www.instagram.com/loisvb/>

O livro *O Monstro das Cores* de Anna Llenas (2012), faz uso das cores para apresentar os sentimentos para as crianças, explorando os sentimentos e demonstrando cada um com uma cor diferente. No livro o monstro está colorido e confuso com a mistura de sentimentos em que se encontra e a divisão, a separação de cada cor, de cada sentimento, é a sua missão. Uma narrativa simples e direta que faz do uso das cores a maior ferramenta de comunicação com a criança, nomeando e explicando cada sentimento que ela pode vir a sentir e suas características.

Figura 14 - Livro “O monstro das cores”



Fonte: *O Monstro das cores* (2012)

3.4 A narrativa visual

3.4.1 A narrativa visual na ilustração infantil

A narrativa visual sempre esteve presente na história da humanidade, “museus, bibliotecas ou faraônicas obras arquitetônicas guardam um acervo cultural de imagens, testemunho da necessidade humana não só de produzir ou deixar registros, mas também de se comunicar” (CASTANHA, 2008 p. 141), as imagens sempre foram uma ferramenta importante para a comunicação e a utilização delas como instrumento de linguagem foi - e ainda é - crucial para todos os grupos culturais.

Como linguagem visual a imagem pode se apresentar como uma quebra na barreira linguística, aproximando culturas diferentes e incluindo não-letrados no entendimento do que está sendo comunicado. “[...] a imagem seduz e consegue fascinar pessoas de culturas e vivências diferentes. Sem as barreiras da língua, o entendimento da imagem torna-se universal, porque o idioma da imagem é a própria imagem” (CASTANHA, 2008 p. 148).

Por isso as imagens são linguagens que podem unir e transmitir sua mensagem para diferentes pessoas em diferentes culturas e, ainda assim, conseguir ser compreendida. O livro ilustrado consegue passar sua mensagem pois tem como base o uso da imagem como modo de se comunicar.

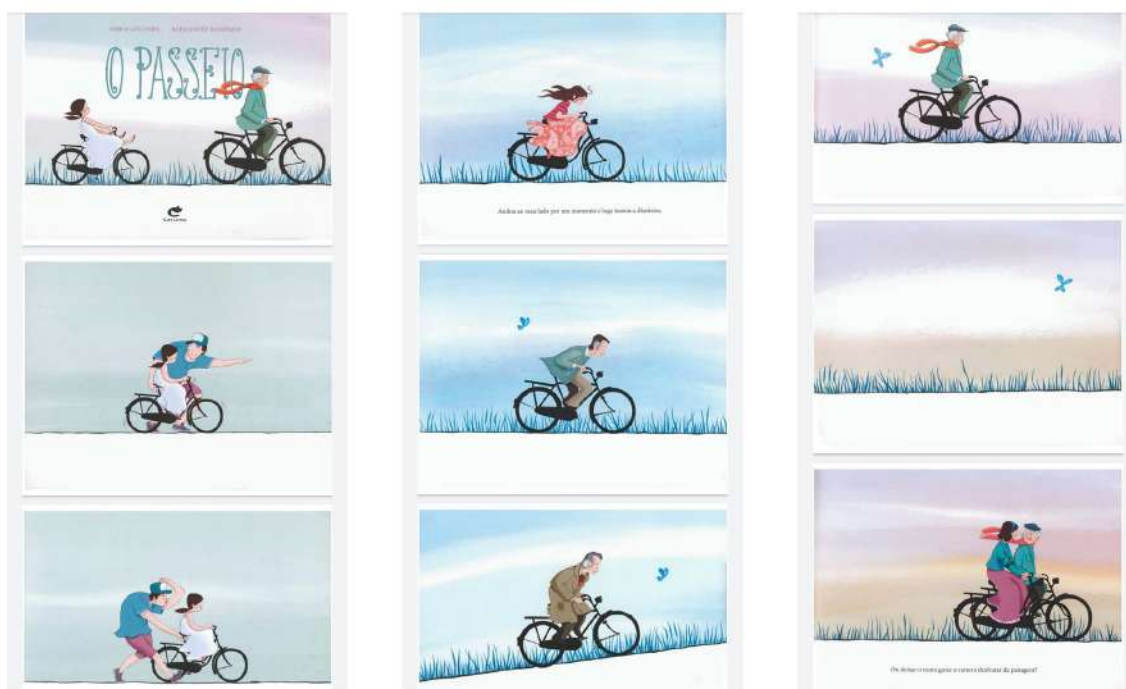
A narrativa visual nos livros infantis ilustrados possui um trabalho muito efetivo, uma vez que as crianças leem as imagens e é por base nelas que conseguem entender e desvendar as histórias. As crianças analisam cada detalhe das imagens minuciosamente, uma vez que são as imagens que contam a história para elas. Salisbury e Styles (2013, p. 81) ao entrevistar crianças na busca de entender como elas respondem aos livros infantis, perguntaram se elas preferiam as palavras ou as imagens dos livros e receberam como respostas “as palavras precisam das imagens mais do que as imagens precisam das palavras” de Keith de 10 anos, “as palavras não explicam tudo aquilo que você pensa... Então eu prefiro com imagens, porque você consegue imaginar mais coisas” de Lara (10) e Sue (11) diz que “... as imagens parecem destacar a história”.

Nessa pesquisa as crianças mesmas mostram como as imagens se fazem importantes para elas e como o seu diálogo com elas é mais efetivo, pois brinca mais com seus

imaginários e estimula seus pensamentos e é essa a função da narrativa visual no livro infantil.

Um exemplo interessante de como a imagem comunica de modo eficiente é o livro *O passeio* de Pablo Lugones (2018), mostra o ciclo da vida, as mudanças, de forma sutil e delicada e sensível. Com a junção de seu texto e das ilustrações de Alexandre Rampazo, a história mostra o passar dos anos, o envelhecimento dos personagens e a vida seguindo seu caminho mesmo com as mudanças que chegam. Se forem observadas apenas as imagens do livro, sem o texto, ainda assim é possível de se entender, de modo geral, o contexto da história.

Figura 15 -Livro “ O passeio”



Fonte: O passeio (2018)

4. METODOLOGIA

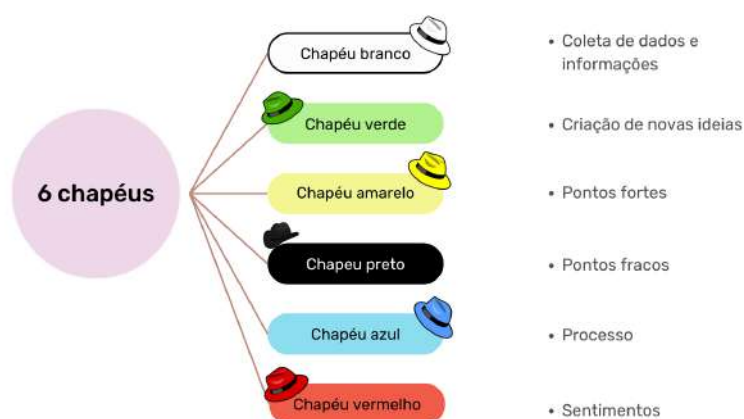
Para o presente trabalho, foi adotada a metodologia conhecida como técnica dos seis chapéus, desenvolvida por Edward De Bono (2009). Nessa metodologia são apresentadas 6 etapas para a resolução de problemas, sendo cada uma denominada como um chapéu de uma cor. No caso deste projeto, o produto foi um livro infantil ilustrado com temática do luto.

Ao seguir os passos dos seis chapéus e os sete estágios listados por De Bono, a definição do caminho a ser seguido na elaboração do projeto se mostrou mais clara e objetiva para enfim chegar a sua conclusão, na resolução do problema.

Os passos a serem seguidos são denominados pelas cores atribuídas a cada chapéu, que são elas:

- Chapéu branco: coleta de dados e informações;
 - Chapéu verde: criação e apresentação de novas alternativas;
 - Chapéu amarelo: levantamento dos benefícios e pontos fortes de cada alternativa;
 - Chapéu preto: levantamento dos perigos e pontos fracos de cada alternativa;
 - Chapéu azul: manter uma visão global e o controle do progresso da reunião, e focar no processo como um todo;
 - Chapéu vermelho: expressão dos sentimentos e emoções com conotação negativa (angústia, medo, etc.).
- (Andrew Hall, 2012, p. 13)

Figura 16 - Metodologia dos chapéus



Fonte - Do autor

Foi então utilizada a metodologia dos seis chapéus, adaptada por Hall (2012) para criação de projetos de ilustração. Nela o autor insere a técnica dos seis chapéus dentro de sete estágios:

Estágio 1 - definição do problema (chapéu branco)

Estágio 2 - coleta de informações (chapéu branco)

Estágio 3 - criação de opções (chapéu verde)

Estágio 4 - avaliação das opções (chapéus amarelo, preto e vermelho)

Estágio 5 - escolha da melhor opção (chapéu preto)

Estágio 6 - implementação da solução (chapéus preto e amarelo)

Estágio 7 - acompanhamento e avaliação dos resultados (chapéus amarelo e azul)

Estágio 1

O **chapéu branco** inicia o processo de criação, nele se deve coletar dados, buscar informações que serão pertinentes no momento de elaboração; entender, por meio de questionamentos, o que o cliente, o público deseja, o que ele espera do produto, o que ele busca em produtos semelhantes. Nessa etapa é posto o que será feito e os materiais encontrados para a execução e finalização do projeto. Na etapa do chapéu branco é perguntado: o que queremos? Como conseguiremos o que queremos? O que temos para chegarmos à conclusão?

Estágio 2

Depois de definir o problema, é hora de coletar informações. Uma pesquisa visual sobre o que será trabalhado deve ser feita. A pesquisa ajuda a entender o que está sendo trabalhado e como outras pessoas trabalharam para fazer o mesmo, ou algo parecido.

Estágio 3

Definido o problema e feita a pesquisa sobre o meio que será trabalhado, é o momento de passar para o estágio 3 e deixar a criatividade solta. Anotar, rabiscar e se deixar levar por todas as ideias que surgirem para que essas sejam as opções a serem seguidas.

Estágio 4

Em seguida é analisada cada ideia e elencado os seus pontos positivos e negativos de cada ideia. Pensar em tudo o que pode dar errado e certo na execução de cada alternativa criada.

Estágio 5

Após as fases de análises de cada ideia, é chegada a hora de decidir por qual ideia seguir, qual a melhor opção para solucionar o problema elencado, qual se encaixa melhor ao solicitado.

Estágio 6

A partir desse momento, não se deve mais voltar atrás nos estágios 5 e 3, depois de definida a opção que será executada o foco deverá ser mantido para a confecção do projeto. É um momento ainda de elencar pontos positivos e negativos, para que tudo se corrija, mas é necessário se manter focado na ideia escolhida e não mudar o caminho a partir daqui.

Estágio 7

Momento de colher os frutos do projeto lançado e aprender com os resultados. Tudo é um aprendizado, cada resposta do cliente e usuários e cada ponto deve ser considerado para entender o que de fato funcionou ou não. Porém no desenvolvimento desse projeto, não será utilizado o sétimo estágio, o estágio final é o sexto.

5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Estágio 1

O desenvolvimento do projeto foi iniciado seguindo as etapas de Hall. O primeiro momento foi seguindo o que se deve ser feito na primeira etapa respondendo as perguntas:

O que queremos? Queremos um livro ilustrado infantil sobre o luto infantil.

Como conseguiremos o que queremos? Conseguiremos esse livro seguindo esta metodologia e pesquisando sobre o nosso tema.

O que temos para chegarmos à conclusão? Temos nosso tema estabelecido, a pesquisa sobre o luto, sobre os livros infantis e sua estrutura.

Estágio 2

Estabelecido o objetivo do projeto, o trabalho então seguiu para a próxima etapa da metodologia, uma pesquisa visual sobre livros infantis que tratam do mesmo assunto, o luto infantil.

A coleta de dados se deu por uma pesquisa visual e literária. Como são os livros que tratam do assunto, como a morte é abordada nas narrativas das diversas histórias já existentes, como cada desenho se apresenta para as crianças e para quais idades cada um se enquadra?

Nessa pesquisa foram selecionados 5 livros que abordam o tema da perda para as crianças. São abordagens um pouco distintas umas das outras, mas que possuem seu ponto de semelhança. Os livros selecionados foram **O Passeio (2018)**, de Pablo Irujo e Alexandre Rampazo, **Pode chorar, coração, mas fique inteiro (2020)**, de Glenn Ringtved, **O pato, a morte e a tulipa (2007)**, de Wolf Erlbruch, **O livro do adeus (2017)**, de Todd Parr e **O coração e a garrafa (2012)**, de Oliver Jeffers.

Figura 17 - Livros analisados



Fonte: Compilação do autor³

³Capas dos livros “O passeio” (2018), “O pato, a morte e a tulipa” (2007), “O livro do adeus” (2017), “O coração e a garrafa” (2012) e “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” (2020)

Com base nesses 5 livros foi elaborada uma ideia base do funcionamento dos livros infantis, por exemplo nos livros **Pode chorar, coração, mas fique inteiro** e **O pato, a morte e a tulipa**, encontramos livros recheados de diálogos com a personificação da morte e é com a ajuda dos diálogos que o tema é desenrolado e explicado para a criança; questionamentos sobre o que é a morte, o motivo de sua vinda são levantados nas duas narrativas, mas o ponto principal é o de mostrar que a morte não é figura ruim a ser temida.

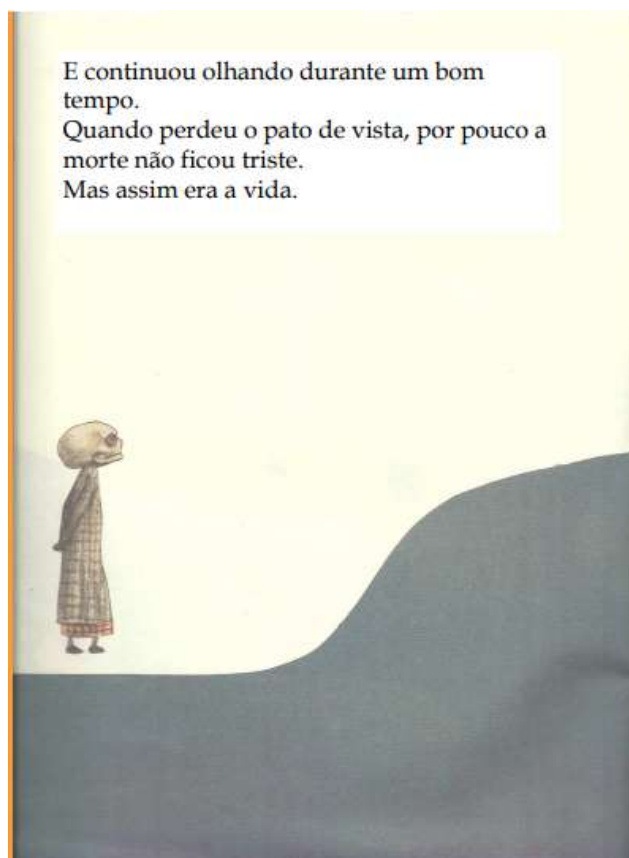
Figuras 18 e 19 - Livro “O pato, a morte e a tulipa”



Fonte: “O pato, a morte e a tulipa” (2007)

Em **O pato, a morte e a tulipa**, o pato está o tempo todo tremendo a morte que se encontra ao seu lado e reluta em conversar com ela, mas, conforme o dia vai passando, ele começa a ver e sentir uma leveza em estar em sua companhia. E chegando ao final do livro, o autor apresenta a figura da morte quando sentindo uma tristeza pelo fim da vida do pato, mas mostra que ela sabe que esse é o caminho da vida.

Figura 20 - Livro "O pato, a morte e a tulipa"



Fonte: "O pato, a morte e a tulipa" (2007)

Em **Pode chorar, coração, mas fique inteiro** a morte também se mostra de forma acolhedora. Ela fica com as crianças, conversa com elas, conta histórias, tudo para que elas entendam que o momento da morte é chegado para todos e a tristeza que ele carrega é, de certa forma, passageira. Por meio da história contada, a morte mostra que só sabemos o que é a alegria se vivemos um pouco da tristeza. Um está ligado ao outro. E a morte nesse livro permanece ao lado das crianças, até o momento que a vida de sua avó se esvai. Ela se mantém presente e amiga.

Figura 21 - Livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”



Fonte: “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” (2020)

Já os livros **O coração e a garrafa** e **O livro dos adeus**, mostram de formas diferentes os sentimentos pelos quais a criança pode vir a sentir ao perder algo. **O livro do adeus** toma uma abordagem mais direta, falando para a criança que ela pode ficar triste, perder a vontade de fazer coisas que gostava, como desenhar, mas que depois ela voltará a se sentir bem com o passar do tempo; e em contrapartida **O coração e a garrafa** mostra isso de uma forma mais lúdica, ao mostrar a personagem guardando seu coração e perdendo a curiosidade que possuía pelo mundo ao perder que a acompanhava nas descobertas, mas que um dia buscou seu coração na garrafa e voltou a sentir.

Figura 22 - Livro “O coração e a garrafa”



Fonte: “O coração e a garrafa” (2012)

Figura 23 - Livro “O livro do adeus”



Fonte: “O livro do adeus” (2017)

E mostrando que podemos perder pessoas pelo caminho, mas o caminho e a vida continuam, temos **O passeio** que conta com poucas palavras, mas muitas ilustrações mostrando o percurso de um pai com sua filha andando de bicicleta e o ciclo da vida passando por eles a cada página.

Dentre esses livros, o que abrange uma faixa etária mais nova é o **O livro do adeus**, que é para crianças de até 6 anos, por isso o tom mais claro do que está acontecendo e dos sentimentos; os outros livros possuem uma narrativa mais interpretativa para as crianças e são para o público a partir dos 7 anos.

A simplicidade é um ponto chave dentre os livros, simplicidade no sentido de tratar o assunto e as crianças de uma forma normal e aberta, sabendo que a criança entenderá o que está sendo passado pelo livro, pelas palavras escritas e pelas ilustrações apresentadas, cada ilustração serve para que a criança conte e entenda a história pela percepção de seus olhos, tendo sua própria interpretação e seus próprios sentimentos.

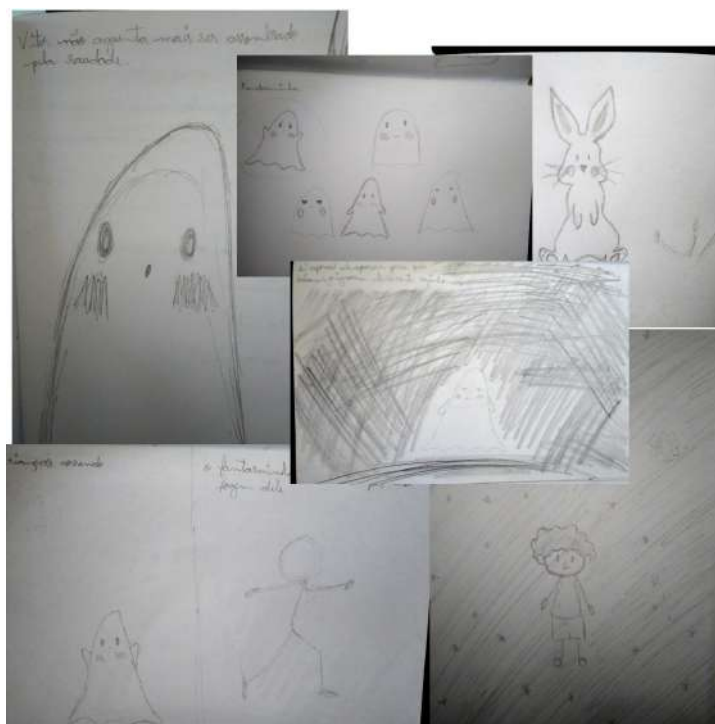
Estágio 3

No **chapéu verde** soltamos a criatividade, esse momento foi explorado o tempo todo, ideias iam e vinham o tempo inteiro. A criação e a formação da história foi imersa na criatividade. ideias foram descartadas durante o processo. Vieram ideias de utilização de animais como os personagens do livro, o animal no caso seria um coelho.

Outra ideia foi de fazer uma ligação entre a solidão do luto, o sentimento de vazio, com o espaço, a criança mentalmente se sentindo cada vez mais longe do chão, cada vez mais distante das pessoas ao seu redor.

Também foi pensado na personificação da saudade por meio de um fantasma que segue uma criança que está passando por um luto recente, ao perder sua avó. A criança tenta se esconder do fantasma, pois não entende o que está acontecendo. Nessa ideia a mãe da criança é o ponto de apoio necessário para entender e aceitar a presença da saudade. Uma opção listada também foi a de o fantasma da saudade estar triste por todos sempre fugirem da sua companhia e não entender o motivo de causar tanto medo nas pessoas.

Figura 24 - Ideias



Fonte - Do autor

Estágio 4

Chegando ao **chapéu amarelo**, chegamos ao ponto de pesar os benefícios de cada ideia, os pontos fortes de cada alternativa. A **ideia 1**, do coelho, é uma boa alternativa para a faixa etária mais nova, crianças de 4 à 8 anos. Crianças dessa idade gostam de bichinhos e acabam criando um carinho por personagens assim.

Os pontos positivos da **ideia 2**, do espaço, são que a história se tornaria mais imersiva e mais lúdica, além de ser mais visual; na **ideia 3**, a ideia da criança se escondendo, seus pontos positivos são que ela é de uma linguagem simples para a comunicação mais eficiente com a criança e a vinda da ajuda da mãe segue de acordo com o estudado sobre o tema, o diálogo sempre presente ajuda a criança a passar pelo luto e a entender o que é tudo o que está sentindo e na **ideia 4** os pontos principais da ideia citada anteriormente permanecem, só se inverte a figura que não entende o que acontece e precisa de ajuda, aqui o fantasma precisa entender o que ele é.

Elencando os pontos positivos (**chapéu amarelo**), seguiu-se para elencar os pontos negativos de cada ideia, o que poderia dar errado em cada uma e é nesse momento que foi posto em prática o **chapéu preto**, onde foi visto os perigos e os pontos fracos das alternativas. A **ideia 1** apresentou dificuldades no momento de expressar os sentimentos por meio dos personagens; a dificuldade da **ideia 2** foi a profundidade dos sentimentos, a história indo por essa linha poderia se tornar uma narrativa mais pesada para o público alvo; na **ideia 3** a dificuldade foi de acertar no tom da história e por último a dificuldade da **ideia 4** se mostrou como sendo a dificuldade de pensar pelo lado do sentimento e não do que é sentido.

Estágio 5

Nessa etapa foi posto em ação no **chapéu azul**, que é o controle do processo e no **chapéu vermelho** que estimula a expressão dos sentimentos e emoções, mostrando os temores com certos pontos do desenvolvimento, isso serve para o refinamento da ideia, o amadurecimento do que está sendo feito. E colocando isso em prática foi possível escolher com qual ideia o projeto daria andamento e a ideia selecionada foi a de número 3, a criança

fugindo do fantasma da saudade. Mesmo com a dificuldade inicial de achar o tom correto de se contar a história, isso pôde ser contornado e encontrada uma solução para o problema.

Estágio 6

Tendo a ideia selecionada, a partir desse momento foi posto em prática a idealização do projeto. A história foi escrita e reescrita, mas sempre se mantendo na linha da ideia inicial.

Esse foi o primeiro roteiro trabalhado:

página 1

Vitor não sabe muito bem o que é a saudade, mas passou a imaginá-la como um fantasminha que o segue

página 2

E esse fantasminha aparece em variados momentos, como quando ele sente falta de seu brinquedo favorito que quebrou.

página 3

Ou do seu antigo cachorrinho.

página 4

Ou da sua antiga escola.

página 5

Ou até mesmo quando sente falta da casa da vovó.

página 6

E principalmente quando sente falta da vovó.

página 7

Quando a saudade apareceu pela primeira vez, ele não entendeu o que ela era e o que estava acontecendo.

página 8

Depois ele tentou agir como se ele não estivesse sendo acompanhado, tentava se esconder para fingir que ela não estava ali.

página 9

Como fingir que ela não estava ali não adiantava, ele tentou brigar com ela, gritar para que ela fosse embora

página 10

Sua mãe o viu bravo e foi conversar com ele e Vitor chorando lhe disse que não queria ser seguido pela saudade, não gostava de ter ela por perto.

página 11

Então sua mãe o mostrou que ela também tinha um fantasminha da saudade que a acompanhava.

página 12

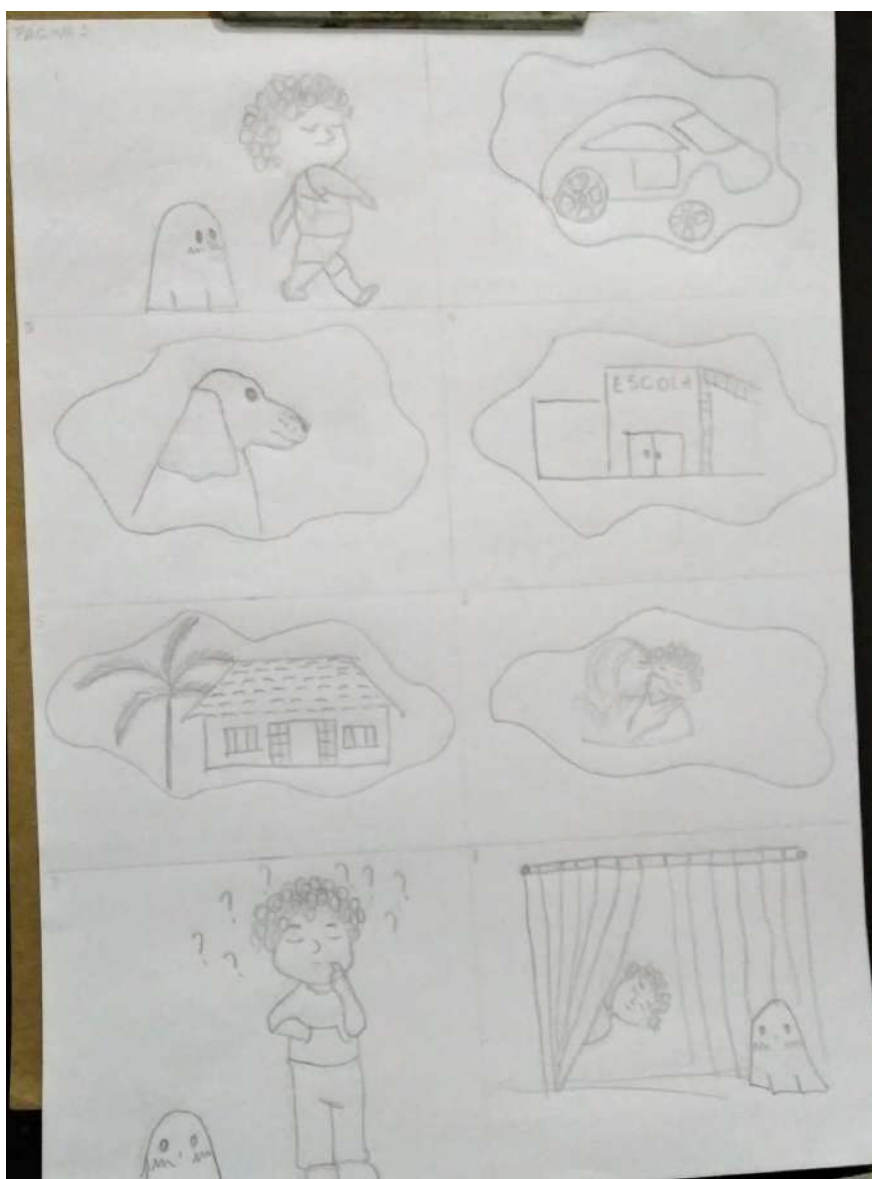
Explicou que na vida nós temos muitas coisas e perdemos também muitas coisas e a saudade dessas coisas sempre irá nos acompanhar.

página 13

A saudade fica porque ela é o carinho que sentimos por tudo aquilo que amamos e não podemos ter conosco para sempre, não devemos temê-la. A saudade fica para nos lembrar de tudo o que já amamos.

Com esse storyboard:

Figura 25 - Primeiro storyboard



Fonte - Do autor

Figura 26 - Primeiro storyboard



Fonte - Do autor

E esses foram os rascunhos iniciais para as ilustrações:

Figura 27 - Rascunhos iniciais



Fonte - Do autor

Figura 28 - Rascunhos iniciais



Fonte - Do autor

Figura 29 - Rascunhos iniciais

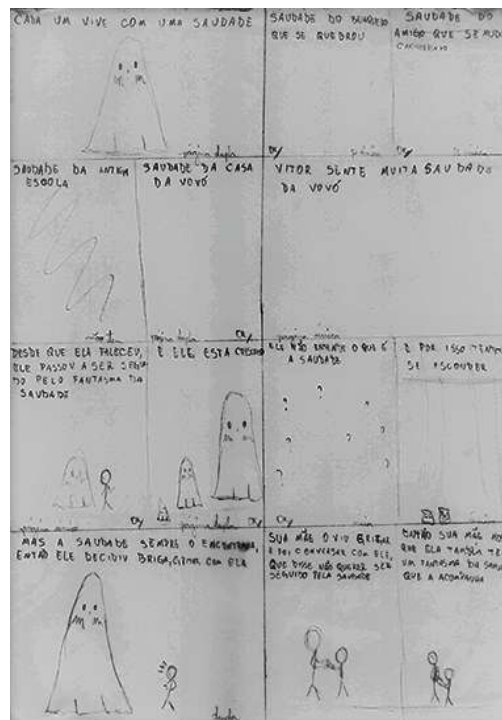


Fonte - Do autor

Empregando o amadurecimento da ideia, assim como é dito para ser feito nessa etapa, os pensamentos foram mudando, mas a ideia original se manteve inalterada.

Então a criação chegou até esse outro storyboard:

Figura 30 - Segundo storyboard



Fonte - Do autor

Com esses novos rascunhos como base da ideia a ser trabalhada:

Figura 31 - Segundos rascunhos



Fonte - Do autor

No amadurecimento, foi definido como seriam cada uma das personagens presentes na história e aqui temos o fantasminha Sau, o menino Vitor e sua mãe.

Personagens:

Figura 32 - Personagens



Fonte - Do autor

Mais uma vez o projeto passou por uma etapa de amadurecimento e se desenvolveu seguindo esse roteiro:

página 1

ESSE É SAU, O FANTASMINHA DA SAUDADE. TODO MUNDO TEM UM FANTASMINHA DA SAUDADE

página 2

TODOS SENTIMOS FALTA DE ALGUMA COISA QUE NÃO TEMOS MAIS. COMO UM CARRINHO ANTIGO QUE QUEBROU

página 3

DE UM BICHINHO DE ESTIMAÇÃO QUE SE FOI.

página 4

DA CASA DA VOVÓ.

página 5

VITOR SENTE FALTA DE TODAS ESSAS COISAS, MAS PRINCIPALMENTE DA CASA DA VOVÓ. DESDE QUE ELA FALECEU, ELE ESTÁ SENDO SEGUIDO PELO SAU O TEMPO TODO

página 6

E ELE CRESCE SEMPRE QUE VITOR TENTA FINGIR QUE ELE NÃO ESTÁ LÁ.

página 7

MAS ELE NÃO ENTENDE O QUE SAU É.

página 8

POR ISSO ELE TENTOU SE ESCONDER...

página 9

CANSADO DE SER SEGUIDO PELO O QUE NÃO ENTENDE, ELE RESOLVEU BRIGAR COM O FANTASMINHA.

página 10

SUA MÃE OUVIU SEUS GRITOS E FOI CONVERSAR COM ELE. VITOR ENTÃO DISSE NÃO ENTENDER E NÃO QUERER QUE O FANTASMA O SIGA E QUE TEM MEDO POR ELE ESTAR FICANDO MAIOR

página 11

FOI ENTÃO QUE ELA O MOSTROU QUE TAMBÉM TEM UM FANTASMINHA DA SAUDADE E ELE NÃO DEVE SER TEMIDO. E EXPLICOU QUE O TAMANHO DELE É O TAMANHO DO NOSSO MEDO DE SENTIR A SAUDADE

página 12

NA VIDA GANHAMOS E TEMOS MUITAS COISAS DAS QUAIS GOSTAMOS MUITO, MAS TAMBÉM PERDEMOS MUITAS DESSAS COISAS E A SAUDADE ESTÁ AQUI PARA NOS LEMBRAR DE TUDO O QUE JÁ GOSTAMOS.

página 13

A SAUDADE É O AMOR QUE FICA POR TUDO O QUE SE FOI.

A idealização para a elaboração desse projeto foi seguindo a linha de algo que passasse uma delicadeza e conforto ao leitor. Por ser um tema mais delicado de ser tratado, essa sempre foi a intenção inicial e objetivo final do trabalho. Para isso o estilo como os desenhos foram finalizados, mostrando bastante da textura da pintura no papel, foi de uso proposital para passar uma familiaridade maior e uma aproximação com o que foi feito.

Nas cores temos o azul muito presente no fantasma Sau e no carrinho. O carrinho foi escolhido para ficar nesse tom de azul mais acinzentado por ser uma das primeiras perdas das quais a criança é abatida e o azul carrega consigo uma carga mais melancólica e triste. E foi seguindo essa premissa que o fantasma foi designado para ser azul, com vários traços do lápis se juntando para formá-lo, isso para passar a ideia de que a saudade que sentimos é

construída por vários traços, inúmeros sentimentos, sensações e lembranças. Quando sentimos saudade, não sentimos a falta de uma única coisa, é um combinado de emoções.

As cores usadas na composição do menino Vitor, foram tons de verde, visando a esperança que a criança ainda carrega, mesmo sem saber. Vitor está vestido de esperança porque seu caminho ainda vai encontrar o acolhimento e a delicadeza do rosa presente em sua mãe.

Na casa da vovó o amarelo foi escolhido pela nostalgia e acolhimento que a cor carrega. Por outro lado, o vermelho da cortina onde Vitor se esconde foi utilizado para mostrar que ali, ao se esconder, ele estava entrando em um momento de raiva e é por isso que ele fica bravo ao sair de lá e então começa a brigar com o fantasma.

Após a definição do roteiro e do uso das cores no projeto, as ilustrações finais foram realizadas, chegando a este resultado:

Figura 33 - Ilustrações finais



Fonte - Do autor

Figura 34- Ilustrações finais



Fonte - Do autor

Figura 35- Ilustrações finais



Fonte - Do autor

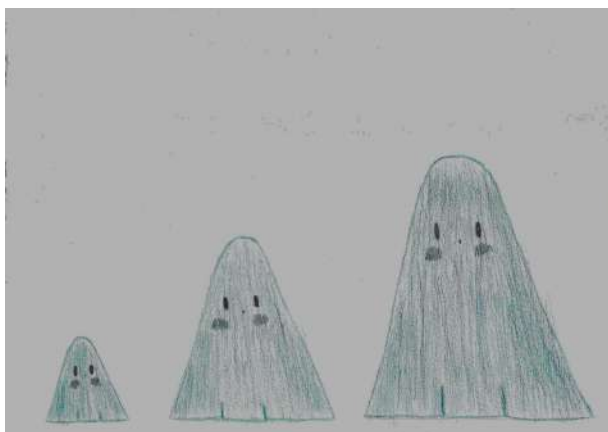
Figura 36- Ilustrações finais



Fonte - Do autor

Figura 37- Ilustrações finais

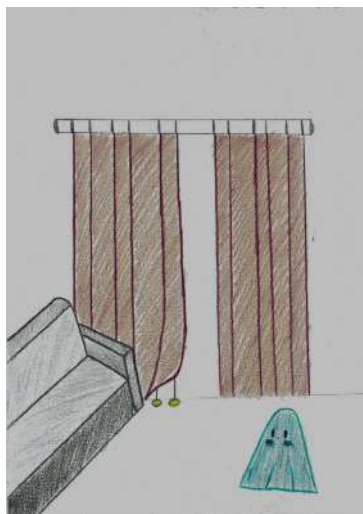
Fonte - Do autor

Figura 38- Ilustrações finais

Fonte - Do autor

Figura 39- Ilustrações finais

Fonte - Do autor

Figura 40- Ilustrações finais

Fonte - Do autor

Figura 41- Ilustrações finais

Fonte - Do autor

Figura 42- Ilustrações finais

Fonte - Do autor

Figura 43- Ilustrações finais



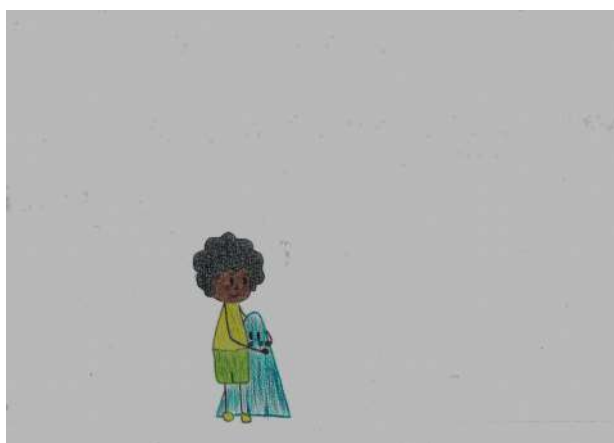
Fonte - Do autor

Figura 44- Ilustrações finais



Fonte - Do autor

Figura 45- Ilustrações finais



Fonte - Do autor

E essas foram as ilustrações definidas para uso no projeto.

Na composição do projeto, foi feito o uso de 2 tipografias, temos a Lumanosimo em todo o corpo do texto e a Ink Free para o título. No título, foi utilizada a Ink Free Regular por possuir um aspecto mais solto, dando uma leveza ao nome do projeto, com traços finos e delicados, para conversar com os tons claros e suaves da capa. Já a tipografia para o corpo de texto foi escolhida para seguir a linha de traços finos que foi empregada no título, mas seguindo com uma tipografia diferente e que se adequasse melhor na leitura letra por letra que a criança tem nessa faixa etária.

A escolha da capa do livro ser com o fantasma de canto, é uma brincadeira com o fato de a saudade sempre voltar. Ele está no cantinho espiando, não apareceu por completo, mas ele está presente.

5.1 Páginas

Figura 46 - Páginas finais

A
SAUDADE
QUE FICA



Fonte - Do autor

Figura 47 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 48 - Páginas finais



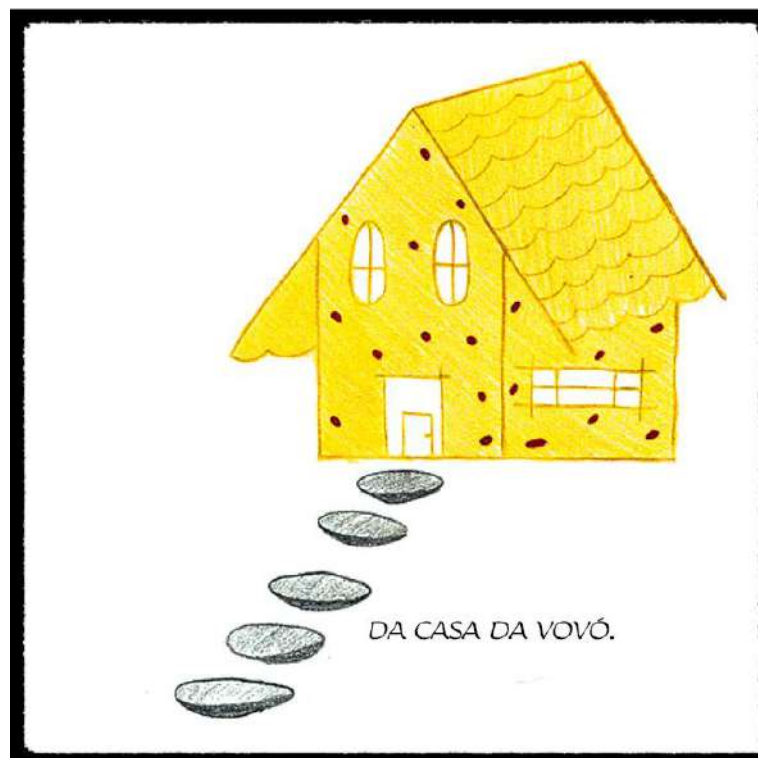
Fonte - Do autor

Figura 49 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 50 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 51 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 52 - Páginas finais



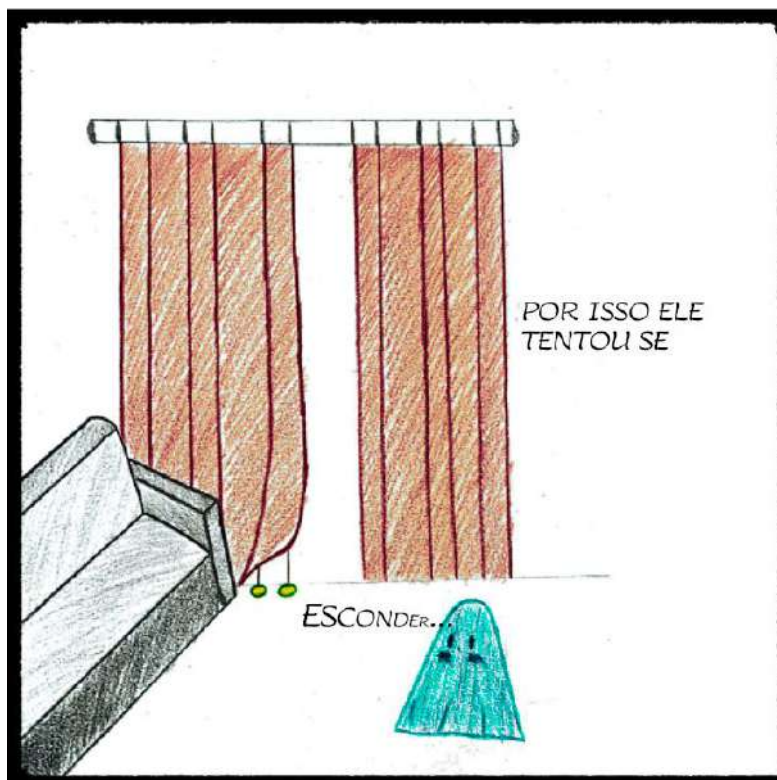
Fonte - Do autor

Figura 53 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 54 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 55 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 56 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 57 - Páginas finais



Fonte - Do autor

Figura 58



Fonte - Do autor

Figura 59



Fonte - Do autor

5.2. Aplicações

Figura 60 - Aplicações



Fonte - Do autor

Figura 61 - Aplicações



Fonte - Do autor

Figura 62 - Aplicações



Fonte - Do autor

Figura 63 - Aplicações



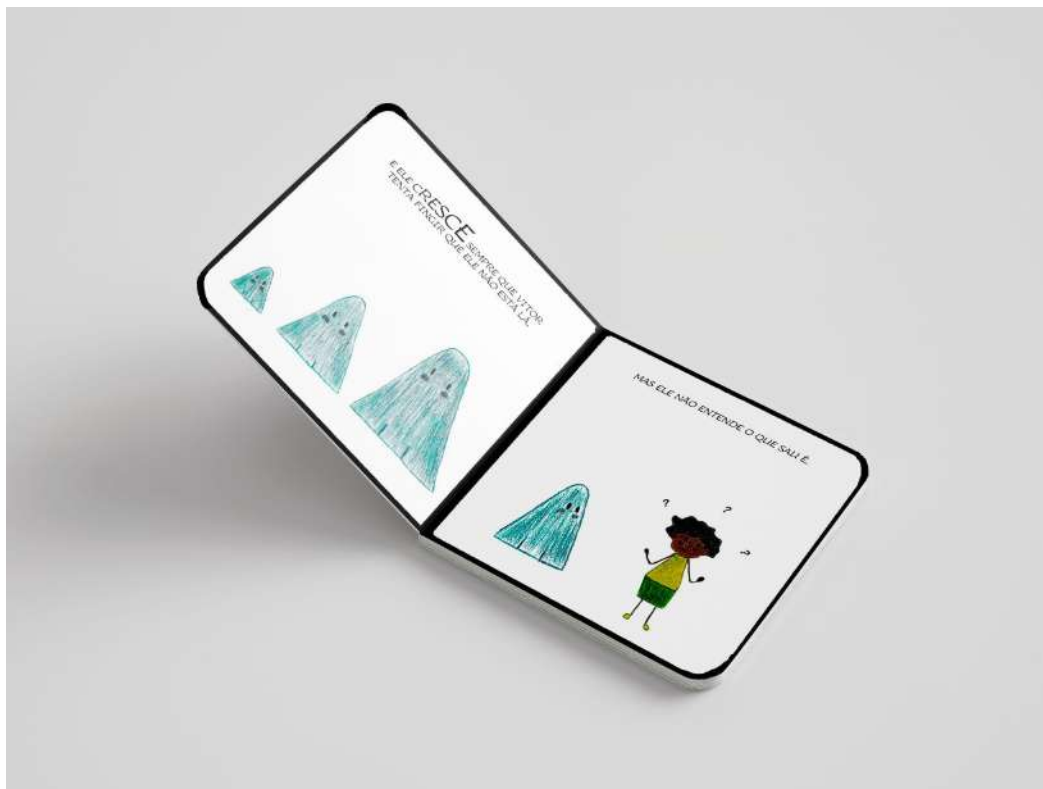
Fonte - Do autor

Figura 64 - Aplicações



Fonte - Do autor

Figura 65 - Aplicações



Fonte: Do Autor

Figura 66 - Aplicações



Fonte - Do autor

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento, aprendizado e comunicação. A escrita sempre está presente no dia-a-dia de cada pessoa e, para as crianças, está sendo introduzida ao seu universo. Aliada à escrita se encontra a imagem. Muito do que vivemos hoje está ligado ao visual. Grande parte das interações com o mundo externo, vem por meio da escrita e do mundo visual. Todos estão sempre cercados de imagens, fotos, figuras e desenhos e assim o entendimento sobre tudo à sua volta, vai sendo montado.

Para as crianças esse contato com as imagens é muito maior e mais trabalhado e foi com base nisso que esse trabalho foi feito. Como já dito nos capítulos anteriores, a importância dos livros infantis para o desenvolvimento das crianças é tamanha e indispensável. E uma vez que o momento de contar e ler histórias para uma criança, é um momento importante na sua formação, deixar o caminho aberto para que assuntos mais difíceis de serem abordados, sejam tratados com elas de forma mais aberta e natural, é uma forma de ajudar no crescimento da criança e no seu entendimento dos momentos vividos.

Esse trabalho tomou como base na sua elaboração, que o livro é uma ferramenta de comunicação e a comunicação deve ser sempre incentivada e fortalecida, principalmente no meio familiar. O entendimento de que a conversa está sempre aberta, vem junto dos momentos de leitura onde assuntos são mostrados e debates são criados, mesmo que com perguntas simples como “o que você sente vendo isso?”.

O resultado final desse trabalho carrega uma parte de caráter pessoal de sua criadora, que espera que ele possa contribuir para que as famílias entendam mais sobre o luto infantil e que o número de crianças sofrendo caladas, sem saber certamente o que causa sua dor, seja diminuído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIAZETTO, Cristina. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador / organizado por Ieda de Oliveira**. São Paulo: DCL, 2008.
- BOWLBY J. **Perda: tristeza e depressão**, volume 03 da Trilogia Apego e Perda. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTANHA, Marilda. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador / organizado por Ieda de Oliveira**. São Paulo: DCL, 2008.
- CASTRO, Dana. **La mort pour de faux et la mort pour de vrai**. Paris: Albin Michel, 2000.
- DINIZ AS. **A iconografia do medo: imagem, imaginário e memória da cólera no século XIX**. In: Koury MGP, organizador. **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond; 2001. p. 113-49.
- FREUD S. **Luto e Melancolia**. Em *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras; 2010 [1917].
- KOVACS, Maria Júlia coordenadora. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 49, 1992.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MACEDO, João Carlos Gama Martins. **Elisabeth Kübler-Ross: a necessidade de uma educação para a morte**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.
- OLIVEIRA, Rui de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador / organizado por Ieda de Oliveira**. São Paulo: DCL, 2008.
- PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliâne; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- RODRIGUES JC. **Tabu da morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
- SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro Infantil Ilustrado: A Arte da Narrativa Visual**. São Paulo: Rosari.

Meio Eletrônico:

a) Internet

ARBACH, Jorge. **O Discurso da Ilustração**. Revista Além da Palavra. Juiz de Fora: Minas Gerais, 2011. Disponível na internet por http em:
https://www.ufjf.br/revistaa3/files/2014/02/small_youblisher.com-183638-Revista_A3_01_46_47.pdf

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. **Em 2019, expectativa de vida era de 76,6 anos**. Agência IBGE. Brasil, 2020. Disponível na internet por http em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos> Acesso em 03 maio 2022

FRANCO, Maria Helena Pereira, Mazorra Luciana. **Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor**. Estudos de Psicologia (Campinas). 2007; v. 24, n. 4: pp. 503-511.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil : desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para para designers**. Orientador: Prof. Dr. Antonio

Martiniano Fontoura. 2011. 286 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

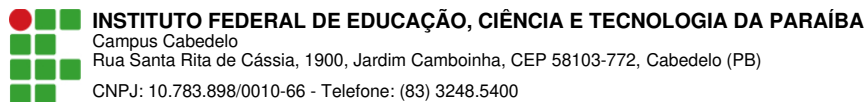
Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26092>

RUMJANEK, Letícia. **Tipografia para crianças: estudos de legibilidade**. Estudos em Design: Rio de Janeiro, 2010

Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/56/0>

TAN, Shaun; HOLLAND, Brad. **Especial ilustração Infantil**. Revista Ilustrar, São Paulo: São Paulo, 2010. Disponível na internet por http em:

https://revistailustrar.com.br/wp-content/uploads/2020/12/revista_ilust_18.pdf



Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Trabalho de conclusão de curso

Assunto: Trabalho de conclusão de curso
Assinado por: Laura Lopes
Tipo do Documento: Anexo
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Laura Siqueira Lopes, ALUNO (201927010008) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO**, em 01/09/2023 09:35:49.

Este documento foi armazenado no SUAP em 01/09/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 929754
Código de Autenticação: d002df6e48

